

## OS SERTÕES: O HOMEM SOB NOVA PERSPECTIVA

Amanda Martins Milhomem<sup>1</sup>, Márcia Sepúlveda do Vale<sup>2</sup>, Rogério Justino<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Graduanda em Direito pela União Educacional de Ensino Superior do Médio Tocantins – UNEST. E-mail: <amandammilhomem@gmail.com >

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras – Ensino de Língua e Literatura pela Universidade Federal do Tocantins – UFT. Especialista em Língua Espanhola. Professora do IFTO – Campus Paraíso do Tocantins. Membro do Núcleo de Estudo em Linguagens e Políticas Públicas para a Educação – NELPPE CAPES/IFTO. E-mail: <marcia@ifto.edu.br >

<sup>3</sup> Doutorando em Educação pela Universidade de Brasília (UNB), graduado em História pela Universidade Federal de Uberlândia e em Pedagogia (Universidade Federal de Uberlândia), Especialista em Educação Básica, (UFU), Mestre em Educação pela UFU. Professor do IFGOIANO – Campus Avançado de Cristalina. E-mail: <rogerio.justino@gmail.com >

**Resumo:** A transição do Império (1822 -1889) para a Primeira República (1889 – 1930) é um momento de grandes transformações para o Brasil, a instauração do estado laico, as questões regionais, a pobreza, o analfabetismo, a crença do progresso, eram algumas questões que angustiavam os intelectuais e os políticos brasileiros. Um dos elementos de destaque eram as questões raciais que resvalavam nos embates sobre a miscigenação da população brasileira, discutindo se este elemento era bom ou ruim ao elemento nacional. Teorias sustentadas nos saberes científicos, emolduravam o racismo e deliberavam sobre a influência do meio. Observando esse contexto social, o presente artigo deu-se a partir de discussões durante o desenvolvimento do projeto de extensão IV Jornada Literária, realizada no IFTO campus Paraíso do Tocantins, no qual traz uma reflexão a partir da obra, Os Sertões, de Euclides da Cunha, sobre a figura do homem sertanejo que ainda é visto e tratado como diferente dos demais povos do Brasil e vítima de preconceito.

**Palavras-chave:** CONTEXTO SOCIAL, ESTUDO, REGIONALISMO, SERTÃO

### 1 INTRODUÇÃO

A Jornada Literária é um projeto que busca o ensino da literatura de forma lúdica, interdisciplinar e contextualizada, além de instigar os alunos a pensarem na sua identidade atual em contrapartida com os ideais trazidos pelos movimentos literários. Para isso, os alunos participam de aulas expositivas e dialogadas, palestras e/ou oficinas com professores das áreas de literatura, história, artes e sociologia e a partir de então, ressignificam os textos literários trabalhados em sala de aula através de apresentações científicas, teatrais, musicais, de vídeos e exposição de artes.

O estudo aqui apresentado, trata-se de reflexões feitas durante o estudo da obra “Os sertões” de Euclides da Cunha, publicada originalmente em 1902, e que é classificada, dentro da perspectiva cronológica da literatura brasileira, no chamado pré-modernismo. Contudo, entendemos ser mais significativa observar a obra sem que a construção de um período definido a recorte e rotule.

A transição do Império (1822 -1889) para a Primeira República (1889 – 1930) é um momento de grandes transformações para o Brasil, a instauração do estado laico, as questões

regionais, a pobreza, o analfabetismo, a crença do progresso, eram algumas questões que angustiavam os intelectuais e os políticos brasileiros. Conseguir compreender os problemas nacionais e enfrentá-los era pauta cotidiana na sociedade letrada brasileira.

A questão étnica se tornou central no momento de implantação do regime republicano e do trabalho assalariado. O racismo científico foi adotado, de forma quase unânime, a partir de 1880, enviesando as ideias liberais, ao refrear suas tendências democráticas e dar argumentos para estruturas sociais e políticas autoritárias (VENTURA, 2000, p.304).

Dessa forma, Euclides da Cunha, que era repórter, e cobriu a Guerra de Canudos nesta função, não podia se furtar aos debates correntes no período vivido por ele. Um dos elementos de destaque eram as questões raciais que resvalavam nos embates sobre a miscigenação da população brasileira, discutindo se este elemento era bom ou ruim ao elemento nacional, e assim quais seriam as possibilidades de resolver esta situação de degeneração racial. Teorias sustentadas nos saberes científicos, emolduravam o racismo e deliberavam sobre a influência do meio:

Negros e índios eram vistos como entraves ao processo civilizatório. Para resolver tal problema, apostava-se na mestiçagem biológica e moral. Representativo desse ponto de vista é o pensamento de Sílvio Romero, que postulava uma escala ou um ranking de raças, onde o mais inferior era representado pelos índios, seguido dos negros, portugueses, vistos como mestiços de ibéricos e latinos, e, no topo, os arianos, isto é, germanos, eslavos e saxões. (MOREIRA, p.70, 2008)

Envolvido neste contexto e, buscando discutir tais problemáticas, Euclides da Cunha constrói a obra *Os Sertões*. Divide em três grandes partes, “A Terra”, “O homem” e a “Luta”, o mote para a escrita foi a experiência frente a Guerra de Canudos (1896 – 1897).

Nosso objetivo central será discutir alguns aspectos da segunda parte, por se tratar de questões que envolvem o homem sertanejo. Na primeira parte, “A Terra”, o autor dedica-se a uma longa e morosa descrição da geografia, o que é compreensível, visto que, no início do século XX, havia a predominância do pensamento hegemônico em que o meio determina os sujeitos. Já na Terceira parte, temos a descrição da Guerra em si.

## 2 CONSIDERAÇÕES ACERCA DA OBRA

Ao longo da obra, Euclides da Cunha delinea o espaço físico onde o sertanejo está inserido, e relata também que não há uma uniformidade da raça brasileira, e sim uma mistura que a origina. “Acreditamos que isto sucede porque o escopo essencial destas investigações se tem reduzido à pesquisa de um tipo étnico único, quando há, certo, muitos. Não temos unidade de raça. Não a teremos, talvez, nunca” (CUNHA, 1984, p. 32)

Inicialmente ele aborda sobre temas relacionados ao relevo, ao clima e a posição geográfica do Brasil descrevendo, assim, suas principais características nos territórios:

Além de ultrapassar a demarcação teórica vulgar, exclui os relevos naturais que atenuam ou reforçam os agentes meteorológicos, criando climas equatoriais em altas latitudes ou regimes temperados entre os trópicos. Toda a climatologia, inscrita nos amplos lineamentos das leis cosmológicas gerais, desponta em qualquer parte adicta de preferência às causas naturais mais próximas e particulares. Um clima é como que a tradução fisiológica de uma condição geográfica. E definindo-o deste modo concluímos que o nosso país, pela sua própria estrutura, se imprópria a um régimen uniforme. (CUNHA, 1984, p.42)

Podemos ver que Euclides da Cunha já define que há divergências entre Sul e Norte, provindas da divisão feita pelos donatários, o que implicou nas formações das divergências entre as regiões, cada uma com suas características. Estas diferenças, que inicialmente são geográficas, para a concepção do início do século XX, serão determinantes para a construção de tipos sociais diferenciados, ou mesmo nas palavras do autor, a formação de sub-raças brasileiras:

Não precisamos rememorar os fatos decisivos das duas regiões. São duas histórias distintas, em que se averbam movimentos e tendências opostas. Duas sociedades em formação, alheadas por destinos rivais — uma de todo indiferente ao modo de ser da outra, ambas, entretanto, envolvendo sob os influxos de uma administração única. Ao passo que no Sul se debuxavam novas tendências, uma subdivisão maior na atividade, maior vigor no povo mais heterogêneo, mais vivaz, mais prático e aventureiro, um largo movimento progressista em suma — tudo isto contrastava com as agitações, às vezes mais brilhantes mas sempre menos fecundas, do Norte — capitânicas esparsas e incoerentes, jungidas à mesma rotina, amorfas e imóveis, em função estreita dos alvarás da corte remota. A história é ali mais teatral, porém menos eloquente. (CUNHA, 1984, p.47)

Por tais concepções, a construção dos sujeitos, tanto no norte, quanto no sul, são resultado direto do meio em que elas vivem, e as diferenças emergem em função do isolamento geográfico e das necessidades impostas aos habitantes do local. Neste sentido é que Euclides descreve os paulistas:

Aqui, a aclimação mais pronta, em meio menos adverso, emprestou, cedo, mais vigor aos forasteiros. Da absorção das primeiras tribos surgiram os cruzados das conquistas sertanejas, os mamalucos audazes. O paulista — e a significação histórica deste nome abrange os filhos do Rio de Janeiro, Minas, S. Paulo e regiões do Sul — erigiu-se como um tipo autônomo, aventureiro, rebelde, libérrimo, com a feição perfeita de um dominador da terra, emancipando-se, insurrecto, da tutela longínqua, e afastando-se do mar e dos galeões da metrópole, investindo com os sertões desconhecidos, delineando a epopéia inédita das bandeiras [...] (CUNHA, 1984, p.48)

As dificuldades enfrentadas pelos paulistas e a criação do mito bandeirante, revestem a descrição deste tipo, enquanto no Norte, Cunha (1984), descreve que as condições enfrentadas resultavam na conformação racial, diferente daquela encontrada no Sul. As circunstâncias históricas, em grande parte oriunda das circunstâncias físicas, originaram diferenças iniciais no enlace das raças, prolongando-as até o nosso tempo.

Portanto, este homem que foi observado, daí o caráter etnográfico e antropológico do trabalho de Cunha (1984), é um sujeito resultado de uma miscigenação racial que mostra a força deste homem sertanejo que nasceu frente às mazelas da região nordeste.

### **3. A AÇÃO DO MEIO NA FASE INICIAL DA FORMAÇÃO DE RAÇAS**

Cunha (1984) entende que o meio influenciou diretamente na formação das raças brasileiras e expressa que elas são consequências de uma diversidade de condições de adaptação. Com isso, ele afirma que o princípio da uniformidade proclamada contradiz o que o Brasil realmente é, ou seja, uma diversidade de raças. “Não há um tipo antropológico brasileiro”.

Ao calor e à luz, que se exercitam em ambas, adicionam-se, então, a disposição da terra, as modalidades do clima e essa ação de presença inegável, essa espécie de força catalítica misteriosa que difundem os vários aspectos da natureza (CUNHA, 1984, p.51).

É visível, inclusive atualmente, que a crença nas diferenças raciais ainda persiste. Esta herança, da qual Cunha (1984) é um dos criadores, ecoa pela sociedade racista contemporânea, escancarada nas diferenças do tratamento dado aos que são considerados brancos, aos mestiços, aos negros e ao índio. Em uma reportagem de Laís Abramo, é visível tal contexto:

O mercado de trabalho brasileiro está marcado por significativas e persistentes desigualdades de gênero e raça e esse é um aspecto que deve ser levado em conta nos processos de formulação, implementação e avaliação das políticas públicas em geral, e, em particular, das políticas de emprego, inclusão social e redução da pobreza. (Laís Abramo, 2006)

Fazendo uma viagem diacrônica e cruzando a reportagem com a obra os Sertões, (CUNHA, 1984) aponta uma exclusão dos jagunços ao afirmar que são “inaptos para discriminar as raças nascentes, portanto, as acolhem ao assunto”, ou seja, aborda sobre os jagunços (raça nascente) apenas por estarem convictos de que provieram dos mesmos e diz que essa separação feita entre os “do norte” e os “do sul” é algo histórico e que se prolonga até o seu tempo, da mesma forma que Abramo (2006), alerta para os preconceitos contemporâneos junto ao trabalho.

#### **4. MAS, NA VERDADE, O QUE É SERTÃO?**

Em seu artigo “A conquista do espaço: sertão e fronteira no pensamento brasileiro”, Lúcia Lippi Oliveira (1998, p. 2 e 3) diz que:

As definições de sertão fazem referência a traços geográficos, demográficos e culturais: região agreste, semi-árida, longe do litoral, distante de povoações ou de terras cultivadas, pouco povoada e onde predominam tradições e costumes antigos. Lugar inóspito, desconhecido, que proporciona uma vida difícil, mas habitado por pessoas fortes. A força de seu habitante aparece relacionada à capacidade de interagir com a natureza múltipla. O cabra – o cangaceiro – aparece como a encarnação de herói sertanejo. Para além destes atributos, aparece no imaginário social a ideia de que não há um sertão, mas muitos sertões e que o sertão pode e deve ser tomado como metáfora do Brasil (LÚCIA, 1998, p.2).

Mas, qual é a percepção do homem da cidade e do paulista (bandeirante, povos que buscam a exploração de recursos naturais nas terras sertanejas) em relação ao sertão? A ideia que prevalecia era que “O sertão, para os habitantes da cidade, aparece como espaço desconhecido, habitado por índios, por feras e seres indomáveis. Para o bandeirante, o interior era perigoso, mas fonte de

riquezas (...). Janaina Amado (1947) diz que “desde o início da História do Brasil, sertão configurou uma perspectiva dual, contendo, em seu interior, uma virtualidade: a da inversão. Inferno ou paraíso, tudo dependeria do lugar de quem falava”.

Segundo Lúcia (1998), Euclides da Cunha pode ser considerado uma das matrizes do olhar sobre os sertões. “Ao tentar transmitir o mundo do sertão para o leitor, transmite a sensação de sentir-se estrangeiro em seu próprio país.” Para ela, o autor afirma que não há apenas uma distância espacial entre as regiões, mas uma distância temporal também. E diz também que não é preciso que haja homogeneidade para que se tenha progresso civilizatório, portanto, valoriza a unificação do sertão e litoral, mesmo que ambos tenham ritmos diferentes.

Lúcia vem nos dizer que Euclides se difere dos demais pensadores da época, pois trata o sertanejo de forma diferenciada, como sendo desatualizado, porém não deficiente em alguma característica, ou seja, ele não o culpa pela falta de informação entre outros fatores, e sim indica que isso é uma consequência de toda pressão por parte dos paulistas.

Essa passagem nos remete ao conto “Urupês”, de Monteiro Lobato, já que não é possível culpar o Jeca por algo imposto pela sociedade: “Seu atraso se deve ao abandono a que foi relegado e não aos condicionamentos e determinações da ordem genética” (Lobato, 1961) Ele diz que o governo deveria propor essa mesclagem entre “os espaços atrasados e incultos” e a “civildade”.

Sabemos que o autor, Euclides da Cunha, no decorrer da obra, vai abandonando o sonho de integrar tempos históricos e sociais distintos, pois não acredita na República e a considera como incapaz de promover uma união nacional. Sua visão acerca da República vai se tornando cada vez mais real à medida que vê o cenário do sertão sendo desvalorizado e como sendo “autêntico, mas retrógrado e sem futuro, um deserto amazônico, desafio e paraíso, mas já perdido, e uma civilização pesteada, utilitária e parasitária dos centros urbanos do litoral” (Carvalho, 1997).

Euclides procura soluções para que o sertão se torne parte do Brasil, já que este, apesar de estar dentro dos territórios nacionais, está distante quanto à integração geral do povo; busca soluções para as causas da desordem climáticas e defende também um plano de combate à seca, além de outras propostas de engenharia.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No decorrer do texto percebemos que a obra “Os sertões”, além de retratar a guerra de Canudos, trata sobre as diversas raças brasileiras, sua formação, sua cultura, seu cenário e todo o seu contexto, dando ênfase no sertanejo, e como este é visto pelas demais regiões.

Observamos que, apesar da obra ter sido escrita em 1902, em um período histórico bastante conturbado, pois marca o início da república e suas promessas de integração social, que não foram efetivadas de fato, ainda vivemos consequências daquela visão preconceituosa, já que, ainda hoje o sertanejo é visto como alguém atrasado em relação ao contexto urbano.

Tem-se a ideia de que o sertão é um lugar ruim, de pobreza e sofrimento, onde a seca ainda prevalece sobre o cidadão. A figura lendária do Jeca Tatu, de Monteiro Lobato, parece ainda estar viva nos cidadãos do sul e sudeste. Onde, conforme vimos, nas citações de Euclides da Cunha, a localização espacial dessas regiões favorecem o desenvolvimento de características próprias que os distinguem fisicamente das demais regiões.

Estudar o sertão é encontrar as raízes da nossa própria essência, pois em todas as regiões do Brasil, o que prevalece hoje é a miscigenação das raças, branco, pardo, negro, índio e etc.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, Laís. Desigualdades de gênero e raça no mercado de trabalho brasileiro. Disponível em: < [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=s0009-67252006000400020&script=sci\\_arttext](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=s0009-67252006000400020&script=sci_arttext)> Acesso em: janeiro/2017.

Carvalho, J. M. O último dos românticos. Folha de São Paulo. Disponível em: < [http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/4/11/caderno\\_especial/1.html](http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/4/11/caderno_especial/1.html)> acesso em 08/2017.

CUNHA, E. Os Sertões. São Paulo: Três, 1984. Disponível em: < <http://www.dominipublico.gov.br/download/texto/bv000091.pdf>> acesso em Fevereiro/2017.

LOBATO, Monteiro. *Urupês*. 11. ed. Obras completas, São Paulo: Brasiliense, 1961

MOREIRA, V. M. L.. História, etnia e nação: o índio e a formação nacional sob a ótica de Caio Prado Júnior. *Memória Americana*, 2008. Disponível em:< <http://www.scielo.org.ar/pdf/memoam/n16-1/n16-1a04.pdf>> acesso em: 03/2017

OLIVEIRA, Lucia Lippi. “A conquista do espaço: sertão e fronteira no pensamento brasileiro”. IN; *História, Ciência, Saúde*. vol. 5 (suplemento), 1998